



escritos
indígenas

Wamidia: o rio subterrâneo

Wamidia: underground river

Rivelino Barreto*

Introdução

A propósito da questão entende-se que a Oralidade Tukana constitui-se como potencial de uma racionalidade, da qual se descreve um relato mítico sobre a autêntica dimensão existencial de um rio chamado *Wamidia*¹ que, numa tradução literal vem a ser rio Omarí. Nesse contexto, o tal rio é descrito como um rio subterrâneo, um rio natural onde viveriam pessoas de sua realidade e em seu caráter específico de “humanidade”. Mas qual é a convicção para que a oralidade tukana confirme *Wamidia* como um rio subterrâneo? Diante da questão, a meu ver um tanto complexo, resolvi transcrever, em detalhes, ouvindo o que diz um conhecedor Tukano, Luciano Barreto². Na verdade, sua descrição parte de um fato “histórico” que foi se constituindo como prova da existência de *Wamidia*. Enfim, faremos uma apresentação de uma pequena “história” acontecida com um certo homem que é iludido por um homem que viera de *Wamidia*. Em certo momento, finalizaremos com uma reflexão acerca dessa pequena história, a fim de entender sua importância e significatividade para os termos da Oralidade Tukana.

¹ Numa tradição tem a ver ou significa o rio de água de omarí ou rio omarí.

² Luciano Barreto, Yuúpuri, 71, anos, é pai de Rivelino Barreto. Foi o grande responsável na transmissão do conhecimento tukano no processo de pesquisa que resultou na produção de dissertação de mestrado em antropologia social de João Rivelino Rezende Barreto, iniciado no ano de 2009-2011. Luciano Barreto tem como local de referência a comunidade São Domingos Sávio, Rio Tiquié, noroeste amazônico, mas atualmente mora parcialmente no baixo Rio Negro com sua filha, e, em outro momento, mora em Manaus com seu filho. É um dos grandes conhecedores Tukano, tradicionalmente é conhecido como *Kumu*, que numa tradução literal significa benzedor. Seu pai foi o último *Yai* (pajé) do coletivo *Sararó Yuúpuri Búbera Pôra*. Sua personalidade só agora começa a ser acionada e, pelo jeito, há muita coisa a ser pensada através dos seus conhecimentos, isso, porque, muito já se falou da região do alto Rio Negro, mas isso não esgotou a questão em debate: as culturas indígenas do noroeste amazônico.

* João Rivelino Rezende Barreto, yuúpuri como nome de benzimento tukano) Tukano do coletivo *Sararó Yuúpuri Búbera Pôra*, é Licenciado em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB); mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (PPGAS-UFAM); professor presencial no Curso Pedagogia – Licenciatura Intercultural Indígena (PROIND Universidade do Estado do Amazonas) e participa das atividades realizadas pelo Núcleo de Estudo da Amazônia Indígena (NEAI-UFAM). E-mail: yupuribubera@gmail.com** Professor Associado de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: grunewald.ufcg@gmail.com

Homem de *Wamidia* e homem da terra em pescaria

Conta Luciano Barreto que, em certo tempo, vivia no mundo um homem e seus familiares. Não se sabe o nome de tal personagem, muito menos o do lugar onde teria acontecido o fato, mas que vivia com sua esposa e seus filhos ainda crianças, além de seus parentes próximos. Certo dia, um conhecido seu veio convidá-lo para uma pescaria nas proximidades da comunidade, o lugar não era tão distante, portanto, tratava-se de um local conhecido ou praticamente onde todos os dias passavam para suas caçadas e pescarias.

Ao entardecer do dia, como haviam combinado, passou a se organizar para tal pescaria que iriam realizar na entrada de certo igarapé. A propósito da questão era uma atividade pesqueira muito costumeira onde cercariam a entrada do igarapé. Precisamente no horário entre as 19 horas até meia noite, período em que os peixes entram no igarapé; ao contrário, de meia noite em diante os peixes começam a sair em direção ao rio de grande porte. Esse método de pescaria é conhecido pelos Tukano como *sirtesé*, ou seja, cercar a entrada de um igarapé e, no momento preciso, pegar peixes enquanto estes buscam saída para o rio grande, e, uma vez que o cerco envolve toda a extensão de um determinado igarapé, só resta buscar a saída no espaço ocupado pelos puçás (pequena rede de malha) enquanto armadilhas dos pescadores.

Pensando bem era esse o objetivo planejado para tal pescaria. Ocorre que o homem que tinha feito o convite foi dominado pelo sono e sequer seguiu para chamar o companheiro. Diante disso, o homem que tinha sido convidado ficou aguardando algum sinal do companheiro. Mas, enquanto as esperanças se evaporavam, finalmente ouviu um chamado a certa hora da noite que se avançava para horas matinais. Não tinha como duvidar, realmente era a voz de seu conhecido. O tal companheiro, estando fora da casa, falou para o convidado que iria à frente e pediu que viesse logo. Surpreso e pensando que o tal companheiro já tivesse organizado tudo chegou à conclusão de que só precisava se dirigir para buscar o pescado com suas metodologias tradicionais.

Passados alguns minutos, o convidado foi atrás do companheiro com sua canoa e com ele seus materiais de pescaria, como zagaia, seu cigarro, puçá e feixe de turí para luz quando necessário. O percurso era no sentido rio abaixo, a pouca distância da comunidade.

Ao chegar à entrada do igarapé, notou que já estava cercado, e como estava escuro na madrugada imaginou que fosse seu companheiro pescando com seu puçá. Como era de costume, cada um se ocupou de seu espaço a uma distância aproximada. Uma vez ou outra cada um fazia barulho, sinal que tinham malhado peixe no puçá. Assim se estenderam na madruga com farturas de peixe.

Em certo momento, no alvorecer do dia, o que foi chamar, começou se preparar para finalizar a pescaria. Assim, quando o dia começava a clarear

falou para o companheiro que já estava saindo, e que fizesse a mesma coisa quando bem quisesse. Diante de tal situação, o segundo homem continuou pescando, e minuto depois ficou perplexo, uma vez que o homem não retornou mais em direção à comunidade, mas que desceu o rio a bordo de sua canoa. A situação se tornou estranha, e o segundo homem resolveu então segui-lo. Assim, terminando de organizar seus materiais, foi em busca do companheiro. Aos seus sentimentos não se distanciou muito e logo encontrou a canoa encostada numa determinada localidade à beira do rio. Curioso pela situação, viu que a canoa estava com os materiais, além dos peixes. Assim, começou a soltar gritos para ver se o companheiro poderia lhe responder, mas não obteve sucesso. Diante disso, resolveu seguir num certo caminho que adentrava na mata e, pensando que o companheiro tivesse seguido naquele caminho, avançou por alguns minutos, mas não encontrou o companheiro, a não ser um grande pau caído em estado de putrefação. Tratava-se de algo esquisito e também do fim do pequeno e ilusório caminho.

Sem saber ainda o que estava acontecendo, o homem retornou para sua canoa e começou a fazer retorno subindo o rio, mas nunca chegava à comunidade, e, aos poucos, então começou a perceber que não se tratava mais do lugar em que vivia, mas que estava em lugar diferente, portanto, em outro patamar.

As procedências em *Wamidia*

Wamidia para os Tukano é um rio subterrâneo e, portanto, um homem de *Wamidia* que fez o convite para um homem da terra. Pensa Luciano Barreto que, em tempos remotos, quando o espaço era pouco habitado pelos humanos, os não humanos eram próximos, mas não se refere como causa diária, ou seja, era marcado por momentos e circunstâncias específicas.

Uma vez que o retorno à comunidade se tornou complexo, e perplexo em seu estado psicológico, o homem passou a esquivar-se ao limite da angústia, uma vez que estava no patamar subterrâneo. Passando horas a remo, o homem, agora bastante exausto, ouviu a certa distância uma embarcação se aproximando. Aos poucos, a tal embarcação, um motor e uma voadeira, ambos dourados e pertencentes a homem sol, vinha subindo naquelas instâncias quando, na verdade, no mundo humano, o sol nascia pela manhã.

O homem se aproximou da embarcação do homem sol e falou que estava perdido; além de falar do que tinha acontecido com ele, quis saber onde estava. Diante disso, o homem sol explicou que ele estava em *Wamidia* e que a terra em que o homem vivia ficava no patamar superior. De fato era uma possibilidade de retorno com o homem sol, mas este disse que não poderia levá-lo consigo, porém, orientou o percurso que deveria seguir a partir do lugar em que se

encontrava. E, tendo se despedido do homem sol, o homem perdido seguiu rio abaixo na possibilidade de encontrar moradores daquelas circunstâncias.

O homem perdido seguiu a viagem baixando com sua canoa e, quando perdia as esperanças, avistou a certa distância sinais de um lugar e de moradores. Em estado exaustivo e esfomeado, logo acelerou a sua canoa. Mas, ao passo que se aproximava, as crianças e as mulheres distanciaram-se do porto e ao passo que se dirigia para terra, aquelas pessoas se adentravam para suas casas. Vendo aquela situação estranha, o homem resolveu entrar numa casa onde encontrou comidas típicas como peixe defumado, quinhapira, beiju e farinha. Com a fome que estava, aproveitou para fazer uma rica refeição descendo em seguida para o porto. E, para sua surpresa, enquanto descia, aquelas pessoas começaram surgir novamente nas portas e janelas de suas casas para observá-lo; enfim, nesse lugar não podia conversar com ninguém.

Saindo daquela comunidade, retomou a viagem solitária e, quando perdia as esperanças novamente, avistou outro lugar. No porto percebeu que algumas crianças e mulheres que tomavam banho, pelo contrário, não saíram e, portanto, receberam-no em cordialidade. Enquanto ele conversava com aquelas pessoas, desceu um homem e convidou-o para o centro da comunidade. Esses eram, portanto, gente-omarí (*wamĩ marsa*).

Em momento oportuno, o homem perdido começou relatar para gente-omarí o que tinha acontecido com ele, descreveu os fatos ocorridos até aquele momento. Entre outras informações, os gente-omarí passaram a entender que ele era de um patamar superior, portanto, da terra. O patamar de onde viera o homem perdido era um lugar frequentado pelos gente-omarí em suas excursões grupais. Essa aproximação e contextualização passaram a ser nova oportunidade de um retorno. Assim o homem perdido perguntou à gente-omarí se eles podiam levá-lo de volta pra sua casa, ao que os gente-omarí responderam que sim.

O retorno de *Wamidia* para a terra

No outro dia, ou passados alguns dias, os gente-omarí começaram a se organizar torrando farinha, fazendo beijú, defumando peixes e outros preparativos que pudessem sustentá-los quando estivessem ausentes da comunidade e, no momento oportuno, partiram para a excussão.

O homem perdido esperava por algo misterioso na transcendência, mas, para sua surpresa, começaram a fazer percurso por um caminho que saía na comunidade. Praticamente todos os gente-omarí partiram para a excussão. Aos seus olhos, seguiam pelo caminho, praticamente não fizeram nenhuma espécie de subida, pelo contrário, fizeram uma longa caminhada até alcançarem um determinado lugar em que não podiam mais continuar.

Os gente-omarí disseram para o homem perdido que até ali era o percurso que o grupo podia fazer. Nesse lugar, estava um magnífico pé de omarí, era de grande expressividade. Em certo momento, o homem começou a observar a ação dos gente-omarí que subiam no omarizeiro (pé-de-omarí), se penduravam nas pontas dos galhos para em seguida se soltarem pra baixo; mas ao caírem do omarizeiro não paravam no chão, pois, retornavam de imediato para sua casa, *Wamidia* (*dorkewertí ma diaha waaparã*). Assim aconteceu com maior parte do grupo. Momentos depois, alguns dos gente-omarí que ainda estavam em suas proximidades, disseram que chegara a vez do homem perdido. Assim, usando de sua agilidade, o homem subiu até as proximidades da ponta e se pendurou em determinado galho e, no momento certo, se soltou em direção ao chão, mas não transpassou para o subsolo como ocorria com gente-omarí. Ao contrário, o homem, por sua vez, caiu do galho para o chão. Assim, ao chegar ao chão, depois da queda, não viu mais os gente-omarí, pelo contrário, viu que caíra ao pé de um omarizeiro que parecia ser de seu conhecimento. Observando bem, o homem passou a reconhecer que realmente se tratava do lugar em que ficava a sua casa, enfim, reconheceu que estava de volta para sua casa.

Conta Luciano Barreto que o homem não passara tanto tempo assim. Em suas percepções, teria vivenciado isso em duas semanas desde a sua perdição até o retorno; vamos pensar que em *Wamidia* o homem tenha vivido por duas semanas. Enquanto isso, aqui na terra, dez anos se passaram. Ao perceber que realmente estava de volta para sua casa, o homem perdido ouviu vozes humanas se aproximando e, de fato, eram seus filhos e sua esposa, que agora estava grávida. Ao se aproximarem do omarizeiro, os meninos perceberam que havia algumas pegadas humanas, e disseram para a mãe: “mãe, aqui tem pegadas de gente!”. E a mãe respondeu: “pode ser que seja o espírito do pai de vocês”. Quanto mais se aproximavam do pé-de-omarí, perceberam que as pegadas eram mais constantes. Ao passo que se adiantaram, os meninos viram-no atrás do omarizeiro e falaram para a mãe que tinha um homem. Aproximando-se dos filhos, a mãe então confirmou que aquele homem era o pai deles.

Praticamente seus familiares já tinham vivido muitas transformações. A esposa, diante da ausência e desafios passou a viver com um dos irmãos do marido (cunhado). Os filhos, ainda meninos quando se perdera, agora eram rapazes e, portanto, não o reconheceram mais. A mulher então começou a questioná-lo o que tinha acontecido com ele. O homem respondeu o que tinha acontecido, enfim, relatou os fatos vivenciados em *Wamidia*. Sendo assim, explicou para a mulher que ele não queria deixar a sua família, pelo contrário, foi contra a sua própria vontade.

A mulher, por sua vez, passou a informá-lo da sua situação, dizendo que, como o tempo se estendera depois do seu sumiço e não tendo mais condições

de sustentar os filhos, passou a viver com seu irmão, de quem estava grávida. O homem respondeu que não teria problema já que se tratava de uma questão familiar. Assim, retornaram para a casa, e o irmão mais novo, tendo conhecimento do retorno do irmão mais velho, agora o esposo atual da mulher, não quis vê-lo, enquanto que, como se tratava de seu antigo esposo e pai de seus filhos, a mulher passou a cuidá-lo. O clima se tornou tenso, mas, tempos depois, passaram a se entender melhor. Além disso, como o tempo se estendera muito, o homem perdido foi informado de que tinham jogado fora todos os seus ornamentos de cerimônias e danças; mas o homem perdido garantiu que isso eram coisas substituíveis, e, portanto, poderiam ser trocadas com novas buscas de penas de araras e outros materiais necessários para organizar novos ornamentos para cerimônias e danças. Em geral, a intenção do irmão mais novo era eliminar o irmão mais velho já que, em disputa, estava a mulher.

Certo dia, os dois irmãos resolveram capturar filhotes de arara a certa distância da comunidade, assim aos poucos iriam organizar novos ornamentos de danças e cerimônias. Como de costume, os filhotes de arara estavam num certo buraco de uma árvore bastante alta conhecida pelos Tukano como *Borséi (Yakayaka)*. A árvore era de grande porte e bastante alta, portanto, havia muitos obstáculos, assim precisaram derrubar uma árvore menor que passou a se escorar na árvore em que se encontrava o ninho da arara. O mais velho se dispôs a subir até o ninho. Estando organizado, subiu até a altura do ninho e estendeu a mão para capturar os filhotes, quando a árvore se soltou deixando-o pendurado com a mão segura no buraco em que estava o ninho da arara. A árvore não caiu por acaso, foi o irmão mais novo que empurrou para que o irmão mais velho caísse de cima, porém o próprio irmão mais novo acabou sendo atingido, uma vez que o impulso de suas mãos fez com que escorregasse em sua direção, assim, atingido pela ponta do toco da árvore, acabou morrendo. Enquanto isso, o irmão mais velho ainda resistiu se segurando no buraco do ninho, mas, minutos depois, não aguentando mais se segurar, caiu e se espatifou no chão, assim, os dois irmãos morreram. Apenas o filho caçula do irmão mais velho é que sobreviveu e retornou para casa com notícias da tragédia. Seus familiares nada podiam fazer, assim só restava-lhes lamentar e chorar pelos entes queridos. Agora se desconhece com quem a mulher tenha passado a viver integralmente.

Ensaio de conclusão

É comum entre os indígenas existirem relatos de fatos remotos que se tornam mitos contextualizados como forma de os mais velhos porem em prática a oralidade, enquanto um sistema da razão é transmitido, retransmitido, resignificado e reificado.

Entre as razões particulares, está a descrição e repercussão dos universos humanos e não humanos. O universo humano nesse sentido é o ambiente traçado pelo homem que habita na terra. Ao passo que o universo dos não humanos é pensado como um ambiente traçado pelos animais que, em seu contexto, também são humanos (perspectivismo). Se existe os dois universos, humano e não humano, praticamente entra em jogo a vida em ambas as partes, ou seja, assim como os humanos na terra se socializam culturalmente, os não humanos também estabelecem um sistema social “idêntico” ao dos humanos, já que os humanos pensam que os não humanos, em suas circunstâncias, possuem casas, roças, plantações; dançam, bebem, benzem, enfim, sistematizam em seu habitat uma ordem social apropriada.

Com efeito, em nível da razão indígena, essa noção, universo humano e não humano, estabiliza uma grande influência na reificação de um discurso mítico para um discurso sociológico. Em outras palavras, entendo um discurso mítico enquanto uma memorização, que fala dos fatos acontecidos em tempos remotos, tempo esse vivenciado por gerações demiurgas, ou seja, seres capazes de transformarem o espaço e o tempo com suas ações e vivências racionais, enquanto um discurso sociológico vem a ser uma forma da razão humana sendo pensada em dias hodiernos e que, ao mesmo tempo, se fundamenta em noções do discurso mitológico. Dito de outra forma, o pensamento indígena entende que tudo que o homem vive em seus dias é que, em certo momento, um determinado poder demiurgo começou a estabelecer uma ordem natural e que, portanto, repercute na vida social do homem em tempos hodiernos.

É nessa acepção que *Wamidia* se constitui para os Tukano enquanto um rio subterrâneo. Não se sabe como é realmente, mas que no memorial dos indígenas existe enquanto um rio com suas características específicas. Assim, para os indígenas, *Wamidia* é habitado por seres que, em seu contexto, são pessoas e, portanto, vivem em sociabilidades diferenciadas. Como vimos, o homem da terra que esteve por acaso em *Wamidia* conheceu essa realidade.

Os que são entendidos como pessoas do rio omari não são os mesmos peixe-gente (*Wai marsa*); pelo contrário, os peixes-gente, segundo Luciano Barreto, não estão em *Wamidia*, mas sim em contexto próximo dos humanos. Assim moram nos lagos, nos poços, nas ilhas, nas pedras, entre outras localidades que, para nós humanos, são bases naturais, mas que para os *wai marsa* são suas casas e, em certo momento, são Casas de Transformações. No caso dos peixes-gente, estes são diferentes dos seres que vivem em *Wamidia*.

Obviamente que a capacidade de transcendência de um mundo para outro é visto como particular dos peixes-gente, além dos próprios habitantes de *Wamidia*, ou seja, em momento oportuno ou circunstâncias, tanto *Wai marsa* como *Wamidia marsa* são capazes de atrair os seres humanos a ponto de levá-

los para seu ambiente, enquanto que os humanos não têm a mesma possibilidade. Em outras palavras, não se ouve falar que algum dos integrantes dos peixes-gente tenha vindo morar com os seres humanos por alguma ocasião, pelo contrário, ouve-se falar muito de fatos remotos em que os humanos foram atraídos para o ambiente dos não-humanos. Isso me faz entender que os não humanos estão numa esfera de poderes demiurgos, uma vez que são capazes de alternar o olhar humano num piscar de olhos para o espaço não humano. Assim percebemos o tal homem perdido que, em certo momento, saiu de sua casa e pensava que estivesse pescando no local de seu conhecimento quando na verdade já tinha sido transportado para o universo de *Wamídia*. Isso se torna como causa de alteridade de um universo para o outro precisamente mais do ponto de vista dos *waí marsa* e *wamídia marsa*; enquanto que os seres humanos não têm a mesma esfera de alteridade demiurga, a não ser a interpretação de fatos míticos que se tornam pensamentos acerca da existência dos não humanos.

Além dessa perspectiva, segundo as concepções tradicionais de Luciano Barreto, não são apenas os peixes e as caças que possuem a vida “idêntica” a dos seres humanos, mas também as frutas como omarí. Omarí³ é de muita preciosidade para os indígenas do noroeste amazônico. A fruta acompanha ou se prolifera em período específico. Geralmente os Tukano, no caso, costumam colher em cestos para consumos particulares e coletivos. Por outro lado, percebemos que, em certo tempo remoto, um homem foi transportado para os confins e circunstâncias de *Wamídia* onde se encontrou com seres humanos “idênticos” aos seres humanos da terra, mas o retorno para a terra passou demonstrar que aquelas pessoas que o acolheram são, na verdade, gentes-omarí que, conforme o percurso e o efeito do salto, ser entendidos que se tratava de frutas de omarí que caía no chão, enquanto na verdade acontecia o retorno dos gentes-omarí para o seu contexto, o *Wamídia*. Coincidência ou não, o tal homem estivera em *Wamídia* precisamente no período em que caía omarí aqui na terra.

De outra forma, percebe-se que, além do espaço, o tempo marca um diferencial em relação ao mundo dos humanos e não humanos. Em outras palavras, o tempo dos não humanos não coincide logicamente com o tempo

³ Omarí, *wamĩ* em Tukano, é uma fruta amarela, cujo pé é conhecido como omarizeiro. No tempo de seu amadurecimento atrai não só as pessoas que colhem a fruta para consumo, mas também os animais (principalmente os pés de omarizeiro que ficam distante da comunidade), principalmente a cutia que é a que mais se delicia, mesmo que corra risco de se tornar a delícia também dos humanos; nesse caso muitos caçadores investem com emboscadas). Geralmente as pessoas plantam nas proximidades da comunidade ou que resulta e se constitui de uma localidade abandona. Existem vários tipos de omari, com cores variadas (verde, amarelo, preto...). Os Tukano, assim como outros grupos étnicos, costumam ser criativos ao consumirem omar, produzem vinho, beijú com sua castanha, enfim, a pequena fruta apresenta delícia e é bem aproveitada, acompanha o cardápio tukano.

dos humanos. Assim, um tempo marcado no contexto dos não humanos é extensivo para o contexto dos humanos, ou seja, o tal homem perdido da pequena narração passou, no máximo, duas semanas em *Wamidia*, o que aqui na terra já tinha alcançado ou passado dez anos. Isso mostra ainda que, enquanto a vida dos humanos é limitada, a vida dos não-humanos, *wai marsa* e *wamidia marsa* é infinita, é o mesmo que sempre estivessem em renovação, enquanto que a vida dos humanos é passageiro. Trata-se nesse caso de mortalidade e imortalidade.

São tantas fundamentações que as narrações míticas das populações indígenas trazem acerca dos propósitos acadêmicos e, embora isso, praticamente todas as noções míticas são postas como convicções dogmáticas pelas populações indígenas. Mas, em certo momento, penso que é preciso ir além das narrativas, ou seja, no âmbito acadêmico em que começam a circular os estudantes indígenas, é preciso que haja mais reflexões acerca das teorias nativas. Além disso, às vezes chego a pensar ainda que as teorias nativas precisam sair de um âmbito do senso comum para a esfera de uma racionalidade mais formularizada. Isso não significa que haja descaracterizações das fundamentações ou das ideias arquetípicas do tradicional pensamento indígena. Em outras palavras, é preciso sim continuar compilando as narrativas indígenas e, assim, preservar o que é pensado pelos mais velhos; mas, ao mesmo tempo em que se compilem tais questões, é preciso teorizar mais, refletir com mais clareza para sairmos de um raciocínio considerado em muitas ocasiões como estagnado.

Talvez até esteja sendo um tanto complexo com tais ideias, ou o posicionamento do meu pensar pode até estar parecendo um tanto polêmico, crítico e descontínuo perante o que foi pensado em outros momentos de outrora. Além disso, meu pensamento procede não apenas em limites de um pensar indígena, mas também das razões filosóficas e agora com as razões antropológicas enquanto etnógrafo Tukano. Em outras palavras, precisamos, nós indígenas, teorizar as razões tradicionais que transcendam de um mundo sensível para um mundo inteligível, como demonstra a própria filosofia de Platão em seu mito da caverna. Penso ainda que as sabedorias tradicionais das populações indígenas tem muito a contribuir para o nível de um discurso acadêmico, assim é uma questão de continuidade e de significação constante. Em especial, a antropologia tem muito a contribuir para proliferação maior da razão ameríndia, e a razão ameríndia se familiarizar cada vez mais com a antropologia e assim pensar muito mais na construção de uma metodologia diferenciada no âmbito promissor de uma universidade indígena, certamente.

Recebido em 6 de dezembro de 2011

Aprovado para publicação em 20 de março de 2012

